

APRESENTAÇÃO CONECTE-SE!

Extensão universitária: desafios à construção de subjetividades e de cidadania

Ev'Angela Batista Rodrigues de Barros¹

No contexto sócio histórico contemporâneo, vemos uma conjuntura que indicia uma série de características da formação que se espera sejam oferecidas nas universidades brasileiras. Passada uma longa fase em que o valor conferido à esfera cognitiva, ao saber teórico, era notadamente superior – como se fosse o intelectual $\times$ o manual –, vemos, atualmente uma valorização da complementaridade entre saberes teóricos e práticos. Não é casual nem trivial, portanto, que, na contemporaneidade, as Práticas de Extensão venham ganhando adeptos e defensores em todos os tipos de universidades e a curricularização dessa abordagem mais holística de formação do graduando esteja ganhando espaço e convalidação social.

É relevante lembrar, como afirma Ayres (2015), que esse fenômeno não é propriamente “moderno”, mas evidencia um percurso de transformações socioeconômicas, políticas e culturais, no qual, embora ainda não se note uma simetria na valorização das diversas formas de abordagem da realidade e da formação profissional, já se fazem presentes algumas mudanças de perspectiva:

Mais e mais, a partir do século XVII, o conhecimento vai deixando de ser “contemplação” e se integrando ao que a filosofia política chama de “vita activa”, isto é, o plano do trabalho e da construção de respostas às necessidades humanas. Não mais contemplação, o conhecimento passa a ser estreitamente relacionado à ação, voltado a capacitar os seres humanos a transformar seu mundo. Mas, atenção, é ainda o saber científico que é interpretado como a base segura para o domínio da boa prática! (AYRES, 2015, p. 76).

A partir do século XVII, vai-se consolidando essa concepção de uma nova dimensão do “conhecer”; todavia, a valorização da Extensão como qualificadora da relação teórico-prática, como forma de ressignificação da formação universitária numa vertente socialmente mais responsável é, ainda, algo bastante recente. O florescimento de uma nova relação ciência / mundo social, em vários âmbitos da vida acadêmica e profissional, nas universidades internacionais e nas brasileiras, como toda mudança de concepção, trata-se de algo processual, e, como tal, precisa ser cuidado, evitando-

¹ Professora do Departamento de Letras da PUC Minas. Coordenadora Adjunta do CESPUC. Coordenadora editorial da de Conecte-se! Revista Interdisciplinar de Extensão e da Revista do ICH. Coordenadora Institucional do PIBID PUC Minas.

se contrafluxos que joguem a Extensão num lugar de menos valia em relação à Pesquisa e ao Ensino. Em Barros (2017), tomando como ponto de partida a perspectiva de Morin (2003), ponderei que

A universidade, por excelência o *locus* da produção e disseminação de saberes e conhecimentos, de procedências e naturezas diversas e heterogêneas, alicerça sua atuação sobre a tríade do Ensino, da Pesquisa e da Extensão, contudo, historicamente, os dois primeiros têm sido prevalentes em seu funcionamento. Contrariamente à hierarquização dos saberes, Morin (2003) afirma que “grande parte das atividades sociais, como o próprio desenvolvimento da ciência, exige homens capazes de um ângulo de visão muito mais amplo e, ao mesmo tempo, de um enfoque dos problemas em profundidade, além de novos progressos que transgridam as fronteiras históricas das disciplinas”. (MORIN, 2003, p.9). Essa especialização tem sido comprometida com o agravamento da crise institucional das últimas décadas e a crescente expansão e mercantilização do ensino nas universidades privadas. (BARROS, 2017, p. 29-30)

A Extensão Universitária, *locus* de aprendizagens as mais variadas, constitui um excelente caminho para ressignificar o papel da universidade, de se tornar, cada vez mais, espaço de construção de conhecimentos socialmente relevantes, significativos para sujeitos em tempos e espaços concretos – que são os das intervenções extensionistas –, fazendo dialogar saberes das esferas científicas e vivenciais, de modo a romper com uma concepção linear e excludente do que se entende classicamente por “fazer ciência”, em qualquer de seus domínios. Isso coloca como central o conceito mesmo de dialogismo, de interseção / interface dos diversos discursos que constroem realidades, que as redefinem e põem em cena determinados valores, crenças e representações – e não outras. Perceber que discursos atravessam a realidade é uma forma de aprender a “ler a realidade” e, ao fazê-lo, criar estratégias e instrumentos capazes de propiciar uma intervenção nela. Se, nas práticas acadêmicas corriqueiras, o fulcro no planejamento e na sistematização é algo valorizado, vale lembrar que, na Extensão, não é que planejamento e organização sejam imprescindíveis, porém se verificam com frequência aprendizagens que decorrem de situações informais, de encontros não previstos inicialmente² – assim, como atestam muitos dos extensionistas em atuação e egressos que passaram por essa vertente de formação. Os

² Não é casual, portanto, que, nas duas últimas décadas, se tenha consolidado, no âmbito das pesquisas em Educação, uma abordagem que evidencia o quanto os “saberes docentes” são um amálgama de tudo aquilo que se vivencia seja no âmbito acadêmico-científico, seja no teórico, no experiencial, na prática profissional cotidiana, nas relações de que se despegam saberes do “senso comum” (Tardif, 2002; Tardif; Lessard, 2005, entre outros). De certa ótica, essa abordagem mostra que o profissional e o pessoal de cada sujeito vão se formando na medida em que este sai da sua zona de conforto e enfrenta situações concretas que lhe demandarão o recurso a uma série de competências, um conjunto de saberes (alguns insuspeitos, mas que afloram diante de uma situação específica). Eis um ótimo campo de aprendizagens na / da Extensão Universitária – e eis também a justificativa de investimento governamental em programas de formação inicial dos graduandos de licenciatura, como o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), em que o foco são as interações / interlocuções diretas entre a universidade e as escolas de educação básica, que constituem o alvo das ações futuras desses graduandos. Na literatura, esse processo tem caracterizado o PIBID como um “espaço híbrido de formação”. Para mim, a Extensão tem também essa conotação, de gerar um “terceiro espaço” de formação, visto que os extensionistas não aplicam, meramente, saberes, mas os produzem, testam, validam ou refutam, por meio da prática concreta, das intervenções na realidade.

“efeitos colaterais” (no melhor sentido que esse adjetivo possa receber) são inúmeros e reverberam para além do período de formação profissional desses sujeitos.

Para Zanella (2003, p.25, *apud* COSTA; BAIOTTO; GARCES, 2013, p.66), “Aprendizagem significa a própria mudança que vai se operando no sujeito através das experiências”. Isso nos remete a Larrosa (2002), para quem o sentido da experiência reside no quanto o sujeito é tocado, (co)movido por aquilo que lhe passa, lhe sucede, lhe acontece. E na Extensão, muito acontece, o que nos leva a afirmar que se trata de espaço privilegiadamente constituído para sustentar a *práxis* acadêmica.

Para Sampaio (2011 *apud* Costa, Baiotto, Garces, 2013, p.66),

A relação do conhecimento nos projetos de extensão se dará na intersubjetividade dos sujeitos sociais, ao buscarem compreender o (des)conhecido. A extensão sempre produzirá conhecimento, em razão de haver muito a conhecer, isso porque “a pretensão de fazer tudo conhecido significa ignorar a subjetividade humana e viver como se fosse possível eliminar os conflitos sobre uma espécie de harmonia universal, o que significaria abandonar a própria condição humana e a construção de suas relações sociais” (SAMPAIO, 2011, p. 119 *apud* COSTA; BAIOTTO; GARCES, 2013, p.66).

Dessa forma, considero válido afirmar que, ao lado dos saberes “institucionalizados”, ou de cunho científico, temos os “de situação”, os de cunho pragmático, que se vão agregando por meio da participação em uma série de instâncias de participação, de discussão, planejamento, execução e avaliação de projetos. É nesse cenário que a Extensão mostra todo seu potencial formativo, a consecução de objetivos mais amplos de formação, para além da aquisição de competências técnicas profissionalizantes. Se se alterou o cenário, as perguntas importantes se modificaram – e no novo cenário político econômico de nosso país, novamente se alterarão – trata-se da dinâmica inerente à realidade contemporânea; dessa forma, a incursão no universo da Extensão pode ajudar muitos professores e estudantes a encontrarem novas respostas – e mesmo a formularem perguntas mais concertadas aos desafios que a realidade, sempre mutante, oferece a nossa atuação, colocando a relação teoria / prática num mesmo patamar de significância:

Ciências mais relacionadas com o desempenho de atividades técnicas diretamente demandadas pelas pessoas, como as ciências médicas, essas, então, jamais puderam abrir mão desta estreita relação entre teorias e práticas. Porém mais do que a consciência da estreita relação entre teoria e prática, o que nós, herdeiros das ciências modernas, sabemos mais e mais é que as formas científicas de perguntar e responder sobre questões de interesse para as práticas humanas não são as únicas que interessam. Saberes cotidianos, experiências vividas, racionalidades não científicas também têm algo a dizer, inclusive sobre o que precisamos fazer mais ou diferente nas ciências. Por isso, estreitar as relações entre teoria e prática, em nossos dias, significa não apenas superar o caráter contemplativo e autônomo das teorias, de resto já largamente realizado ao longo do último século, mas rever também o caráter soberano e exclusivo das ciências como fontes de verdades, de autoridade moral e técnica. (AYRES, 2015, p.77)

Como afirma Boaventura Santos (2011), numa alentada análise da universidade contemporânea, a extensão precisa ser democraticamente pensada, implementada, monitorada e avaliada, a fim de não sucumbir nem à perspectiva de assistencialismo de que se revestiu por muito tempo, nem aos objetivos de rentabilidade, de mercantilização de serviços com o intuito de assegurar recursos orçamentários adicionais para a Universidade. A extensão tem, para Santos, o objetivo precípua de fornecer “o apoio solidário na resolução dos problemas da exclusão e da discriminação sociais e de tal modo que nele se dê voz aos grupos excluídos e discriminados” (SANTOS. 2011, p.74) – mas, tendo bem clara a premissa de que esses indivíduos são sujeitos de direito e de fato, que têm também a contribuir, numa relação dialógica e de partilha; não são o público-alvo unidirecional, numa perspectiva de “coitadismo” que coloque a Universidade num papel de panaceia para os males sociais.

Em consonância com Santos, reitero que a Extensão se destaca como espaço legitimador do papel social que deve cumprir a Universidade no alcance (e manutenção) de uma sociedade mais democrática e menos desigual. Para mim, ela continua sendo a possibilidade mais palpável de responder ao dilema que nos interpela a todos. Isso porque, ao romper com a hierarquização de saberes organizados de forma estanque, como se apenas o cognitivo / intelectual devesse ter primazia para a solução dos problemas do cotidiano, a Extensão, “desvinculando-os “das premências do cotidiano” da comunidade para a qual se volta, constitui-se num dos principais canais de renovação e reassunção da legitimidade da universidade frente à produção e disseminação de saberes. (BARROS, 2017, p. 32).

A ida à “realidade extramuros” e o retorno ao mundo acadêmico – o que faz parte do *know how* da Extensão, de suas múltiplas possibilidades de incursão na realidade –, numa práxis norteadora das ações em um universo e noutro, possibilita a confrontação com o que ocorre

O contexto social e com ele o conhecimento prévio dos atores envolvidos no processo de aprendizagem, como pensamentos, sentimentos e ações, proporcionam por meio da extensão uma troca de significados mais humanizada, garantindo, dessa forma, a aquisição de valores e de atitudes (autonomia, ética, motivação, iniciativa) que favorecem o desenvolvimento acadêmico, profissional e o compromisso social dos estudantes universitários. Do mesmo modo, observou-se que as atividades extensionistas exigem, favorecem e ampliam a predisposição para aprender, o que justifica a imensa lista de processos de aprendizagem relatados pelos estudantes. (COSTA; BAIOTTO; GARCES, 2013, p.77-78)

Assim, com Monfredini (2015), acredito que “para pensar a formação de sujeitos no caso dos processos realizados na Universidade, é necessário considerar a relação dos sujeitos com a produção e a apropriação do conhecimento” (MONFREDINI, 2015, p.843). Para sua reflexão, a autora salienta o

papel do “aporte de conceitos específicos que nos auxiliem a problematizar e identificar possíveis vertentes para realização dos processos de produção científica e para a relação da universidade com a população beneficiária dos programas de extensão (MONFREDINI, op.cit.).

Feita essa reflexão, convido-o(a), leitor(a), a percorrer os textos que constituem este volume de Conecte-se! Revista Interdisciplinar de Extensão – cuja sigla, CRIE –, já nos incita a buscar um olhar sempre novo para os processos, as modalidades, os tempos e espaços, os sujeitos da Extensão, não apenas na PUC Minas – nosso intramuros –, mas no Estado de Minas Gerais, no Brasil e em outros países.

Os diversos – em quantidade e em abordagem – textos constitutivos deste volume trilham um percurso que vai do global – com o ensaio do professor Josué Lazier, passa pelo particular de cada projeto cujo relato ou cuja abordagem se revela e sobre a qual se discute –, e retoma, ao final, a uma perspectiva integradora, com a entrevista (em que a professora Renata Maia-Pinto dialoga conosco sobre a questão das formas de atendimento a crianças com superdotação), e, em seguida, a resenha de uma obra cara à Extensão Universitária, pensada a partir da pavimentação de princípios e anseios do ForExt (Fórum Nacional de Extensão e Ação Comunitária das Universidades e Instituições de Ensino Superior Comunitárias).

Para iniciar nossas reflexões sobre Extensão, cotidiano, dialogismo entre Universidade e comunidade, acompanhemos as reflexões do professor Josué Adam Lazier, no ensaio “Manifesto de Córdoba e a construção da cidadania”. Neste texto de grande fluidez, resultante de uma palestra ministrada, o autor faz uma leitura teológica do Manifesto de Córdoba, de 1918, que trata do Movimento Estudantil de Córdoba sob a ótica do profetismo. Ao fazê-lo, coloca sob o foco a responsabilidade social da Universidade, contemporaneamente, como um dos coconstrutores da “cidadania como patrimônio coletivo da sociedade”. Aludindo à dicotomia anúncio / denúncia, Lazier perscruta o passado (equívocos das práticas acadêmicas) e, profeticamente, anuncia um movimento de educação libertadora e humanizadora, como fio condutor da transformação de que a sociedade ocidental tanto carece.

No primeiro artigo, “Despertando o interesse pela engenharia em crianças com altas habilidades / superdotação através da construção de um motor elétrico”, Rafael Siqueira Mazzaro, Luana Carvalho dos Santos e Karina Fideles Filgueiras trazem à tona uma questão da maior relevância – o olhar e o tratamento destinado a crianças com altas habilidades / superdotação – o direito constitucional ao ensino especializado não se verifica na realidade das escolas, que revelam sua grande dificuldade em identificar e ensinar de forma apropriada tais alunos, a despeito das variadas pesquisas acadêmicas sobre o tema, as quais não chegam aos educadores, grandes interessados. Paradoxalmente, por não terem acesso ao muito que poderiam realizar, muitos alunos

superdotados apresentam rendimento escolar pífio. Neste trabalho, os autores investigam e discutem como despertar o interesse pela engenharia em um grupo de crianças com altas habilidades / superdotação pertencentes ao projeto de extensão "Enriquecimento da aprendizagem para desenvolvimento de habilidades: crianças e adolescentes que gostam de aprender", da PUC Minas. Verificam o quanto trabalhar visando à criatividade pode ajudar no interesse e sentimento de pertença, desde que se identifique a área de interesse, fomentando o desenvolvimento do foco e da autodisciplina.

Na sequência, em “Saúde mental do professor: uma revisão de literatura com relato de experiência”, os autores, Marcel de Almeida Trindade, Cely Carolyne Pontes Morcerf e Marinalva Santos de Oliveira, que lidam com a área da saúde, no interior de Alagoas, discutem a susceptibilidade de professores ao desenvolvimento de transtornos mentais, posto que convivem diariamente com o risco de um desgaste físico e mental mais acentuado do que outras profissões – sobretudo, a Síndrome de *Burnout* e a ansiedade –, dadas as inúmeras dificuldades materiais e psicológicas a que estão expostos. Este trabalho, por isso, foca a discussão sobre a importância de ações de prevenção e promoção da saúde mental do professor, tendo como público-alvo um conjunto de docentes de Alagoas, que participaram de um seminário de saúde mental. Por meio de abordagens lúdicas, promoveu-se a “autorreflexão e análise da situação de saúde mental no ambiente de trabalho e da necessidade de criação de estratégias de enfrentamento a nível grupal e individual para a prevenção de agravos à saúde do docente de uma forma holística”. Muito atual e relevante a todos que laboram no âmbito educacional.

Com “Estudo etnobotânico para estímulo ao diálogo Inter-religioso na PUC Minas por meio de um jardim espiritual”, os autores – Bárbara Cristina Liodoro de Souza (Ciências Biológicas), Rayane Talyta Bernardes Camilo (Geografia), Rodrigo de Almeida Pazzinatto (Engenharia Florestal) e André Rocha Franco (das Ciências Biológicas), tratam da criação de um “jardim espiritual”, o *Religare*, constituído com o intuito de favorecer o diálogo inter-religioso na PUC Minas. A partir de um levantamento das religiões mais praticadas no Brasil (Censo IBGE 2010), dedicaram-se a uma metodologia etnobotânica, visando a mapear plantas cujos significados apresentem interfaces para os praticantes das principais religiões brasileiras; o recurso ao método de paisagismo funcional serviu para a fundamentação e organização das plantas no jardim. Mediante as contribuições dos participantes da pesquisa – mapeados a partir de entrevistas – e dos dados disponíveis na literatura, o jardim *Religare* poderá exercer uma função de aprendizado do diálogo inter-religioso, visando à “conscientização sobre a importância de espécies botânicas para edificação de manifestações culturais e religiosas em todo o Brasil.”

No quarto artigo, “Música como elemento de ação interdisciplinar”, Leonardo Magela Lopes Matoso, Agostinha Mafalda Barra de Oliveira e Rinaldo Medeiros Alves de Oliveira ressaltam, por meio de pesquisa bibliográfica, o caráter inerentemente interdisciplinar da música, destacando-se a área da saúde e educação. Evidenciam que intervenções musicais são estratégias que “reduzem significativamente índices de ansiedade, estresse e dor; melhoram o condicionamento físico e os padrões cardiorrespiratórios; minimizam a depressão potencializando o desenvolvimento humano”.

No artigo seguinte, “Fé e Cura – experiência etnográfica junto ao projeto de extensão Lições da Terra na comunidade quilombola de Barro Preto”, a equipe formada pela professora Denise Pirani e os estudantes de Ciências Sociais – Júlia Cotta Lima de Oliveira, Karolina Santos Hugo e Lua Rodrigues – dedicam-se à compreensão dos modos de expressão coletiva por meio do uso de plantas medicinais. Passando por todo o processo de significação do uso de plantas medicinais – o processo de preparação, desde a prática de colheita ao preparo dos chás e garrafadas –, flagram “uma forma de reafirmação de identidades e de práticas rituais e místicas”. Os autores reiteram que se trata de processo que envolve “complexas estruturas do inconsciente coletivo, traduzindo-se em rezas, simpatias e benzeções e, para além, revelam-se como práticas ligadas aos territórios tradicionais em sua totalidade”. Nesse diálogo permeado pela troca de experiências e saberes com os moradores da Comunidade Quilombola de Barro Preto (Santa Maria de Itabira, Minas Gerais), evidencia-se, neste artigo, as aprendizagens compartilhadas no decurso da realização do projeto Lições da Terra.

No sexto artigo, “Estimulação cognitiva e orientações para alimentação de idosas institucionalizadas: a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão na Fonoaudiologia”, a professora Patrícia Vieira Salles e uma equipe de estudantes da Fonoaudiologia, Ana Luísa Gonçalves de Melo, Jéssica Maria Campos Salles e Leilane Júlia Chaves de Lima dedicam-se a traçar o perfil cognitivo de um grupo de idosas institucionalizadas e identificar o padrão de deglutição dessas mulheres, todas integrantes de uma ordem religiosa (freiras), por meio de uma pesquisa quantitativa e qualitativa. Identificaram a prevalência de declínio cognitivo, resultante do fator idade (76 a 95 anos), a dificuldade em iniciar o sono e a hipertensão associada à diabetes. A maioria das idosas apresentou deglutição normal, seguido de disfagia orofaríngea leve e deglutição funcional. Observaram a prevalência de declínio cognitivo, influenciado pela idade, pelas alterações de sono e a associação da hipertensão à diabetes; com o avanço da idade, maiores são os riscos e a presença de sinais e sintomas sugestivos de disfagia. A partir da devolutiva desses achados à instituição, a equipe buscou apresentar à ILPI uma proposta de atuação, de modo a promover melhor qualidade de vida para essas idosas institucionalizadas.

No sétimo artigo, “Rastreamento de agravos e identificação das necessidades de saúde de Policiais Militares em um Batalhão da Cidade de Betim – MG”, Wesley Barbosa Souza, Bruno Goecking Silva, Bruno Magalhães Gomes Macedo, Dayana Magalhães Drummond Baltazar, Estefânia Pereira Diniz, Marcela Luiza Alves Pereira e a professora Nadia David Peres mapeiam doenças crônico-degenerativas (como hipertensão arterial sistêmica (HAS), diabetes mellitus (DM) e obesidade), que se fazem presentes de forma corriqueira entre grupos de ocupação de alto risco. Para isso, os autores rastreiam as características e necessidades de saúde de Policiais Militares de um município integrante da região metropolitana de Belo Horizonte. Como constituem uma população de alto risco ocupacional, esse estudo pode subsidiar a elaboração de um planejamento estratégico e a criação de medidas para a melhoria das condições de saúde desses indivíduos. Analisaram diversos fatores (dados de presença ou não de antecedentes familiares para HAS e DM, tabagismo, obesidade, pressão arterial, glicemia casual, frequência cardíaca, saturação e temperatura axilar foram coletados com base nos protocolos do Ministério da Saúde), a partir dos quais, como devolutiva, deram orientações relevantes aos indivíduos com resultados discrepantes dos parâmetros de normalidade e estimularam a formação de hábitos mais saudáveis de saúde.

Na sequência, vêm dois relatos de bons projetos de Extensão em andamento. No primeiro, intitulado “Relato de Experiência: trabalhando as relações e os vínculos familiares: uma experiência de Extensão Universitária da PUC Minas”, a professora Stella Maria Poletti Simionato Tozo e duas estudantes da Psicologia, Tamara Alessandra Santos Gomes e Jennifer Antonelle de Moura Vasconcelos, discutem um trabalho, no Projeto VincuLar, cujo foco é “a reconstrução de vínculos familiares estremecidos, em famílias de camadas populares que vivem sob um contexto estressante por diversos motivos”. Sob o escopo do pensamento sistêmico e metodologia de terapia familiar na perspectiva do construcionismo social, refletem sobre a intervenção realizada em duas instituições de Belo Horizonte (MG), com que visam uma Psicologia voltada para uma prática social transformadora. Realizaram atendimentos psicoterápicos grupais, ao lado de atendimentos domiciliares a famílias. Com os grupos psicoterapêuticos multifamiliares, tentam promover ambiente reflexivo, em que os participantes relatam suas vivências e experiências, compartilham informações, expressar emoções e sentimentos, e refletem sobre suas ações, de forma a rever “modos de funcionamento do sistema familiar”.

No segundo relato, “Seleção de ferramentas digitais educacionais para crianças de 4 a 5 anos na Creche Bebê Feliz”, a professora Cleia Marcia Gomes Amaral, junto com os alunos Jônata Rafael Teodoro Ferreira, Tatiane Coutinho Alves e Tiago Silva Caetano, do Curso de Engenharia, descrevem um estudo sobre ferramentas educacionais digitais para auxiliar na educação de crianças na fase da pré-escola, a partir de demanda recebida pela Extensão do Curso de Sistemas de

Informação da Unidade Barreiro da PUC Minas. Pesquisam e selecionam ferramentas digitais adequadas ao perfil das crianças, para auxiliar o aprendizado de conteúdos. A partir da pesquisa, elaboram apostila contendo instruções de como utilizar as ferramentas selecionadas e fornecem um treinamento para as educadoras e voluntários da creche.

Na seção seguinte de **Conecte-se! Revista Interdisciplinar de Extensão**, e em diálogo com o primeiro artigo deste volume, vem a instigante entrevista com a educadora Renata Maia-Pinto, que discute estratégias necessárias para enfrentamento dos desafios relacionados às crianças com altas habilidades e superdotação. No sistema escolar brasileiro, a grande preocupação, tradicionalmente, recai sobre os alunos infradotados ou com necessidades especiais, aqueles que apresentam problemas disciplinares ou defasagens. Há uma crença, equivocada, de que, por serem cognitivamente superdotadas, tais crianças enfrentariam com tranquilidade problemas do âmbito educacional. No entanto, como nem sempre as competências emocionais e afetivas se encontram no mesmo patamar das cognitivas, costumam apresentar desempenho inferior àquele que poderiam, além de, por incompreendidos pelos professores, muitas vezes serem alvo de *bullying* ou evasão, e muitos acabam se tornando apáticos, desmotivados. Vale ler e refletir sobre o tema, sem dúvida!

Fechando este volume, a graduanda do Curso de Direito, Beatriz Federici realiza profícua leitura da obra da obra “Extensão Universitária: perspectivas de aprendizagem e sentidos na educação superior”, organizada por Pedro Floriano dos Santos e Cristiane Maria Riffel, lançado pelo ForExt, com o intuito de garantir que os projetos de extensão das Instituições de Educação sejam divulgados e de propiciar um espaço para reflexão para as mais variadas classes e camadas sociais. Os textos desta obra visam relatar, de forma reflexiva, as experiências extensionistas de seus autores, o que evidencia que as Universidades estão, cada vez mais, valorizando a proposta de unir Ensino, Pesquisa e Extensão para a melhor formação dos profissionais, e, ao mesmo tempo, por meio das ações extensionistas, de propiciar uma melhora na qualidade de vida das camadas sociais com menos oportunidades, por serem, em sua maioria, ações voltadas ao desenvolvimento pessoal e comunitário.

Por que essa obra sobre Extensão? Porque, ao fim e ao cabo, nos vemos refletidos pelos anseios e pelas práticas desses docentes, que se dedicam à Extensão, na região sul do Brasil, como também vemos, neste volume, outros do nordeste, os vários da região sudeste... enfim, a Extensão é o que nos une em uma grande corrente de docentes pesquisadores extensionistas que não consideram a tríade da Universidade como algo a eternizar nos PDI e PPP dos respectivos cursos, mas como a razão mesma de ser da autoformação e da formação de outrem.

Fica o convite à leitura se não de todos os textos aqui compilados, daqueles que promovam a identificação com a Extensão, como afirma Ayres (op.cit.) “Não mais contemplação”, visto que, nesse colocar as mãos na massa, “o conhecimento passa a ser estreitamente relacionado à ação, voltado a capacitar os seres humanos a transformar seu mundo”.

REFERÊNCIAS

- AYRES, JRCM. Extensão universitária: aprender fazendo, fazer aprendendo. **Rev Med** (São Paulo). 2015 abr.-jun.;94(2):75-80.
- BARROS, Ev'Ângela B. R. de. Aprendizagens *da* e *na* Extensão da PUC Minas: múltiplas interações e interdependências. In: **@rquivo Brasileiro de Educação**. V.5, n. 11, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/280492/Downloads/15172-61671-1-PB.pdf>. Acesso em: 16 nov.2018.
- COSTA, Aline A.C.; BAIOTTO, Cleia R.; GARCES, Solagne B. Billig. Aprendizagem: o olhar da extensão. In: SIVERES, Luiz (Org.). **A extensão universitária como um princípio de aprendizagem**. Brasília: Liber Livro, 2013. p. 61-80.
- LARROSA BONDIA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Trad. João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*. Jan/Fev/Mar/Abr 2002 Nº 19.
- MONFREDINI, Ivanise. A Extensão Universitária no Brasil e as possibilidades de formação de sujeitos. III Seminário Internacional de Representações Sociais - Educação. In: **Anais...** PUC PR, 26 a 29 out. 2015. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19905_7956.pdf. Acesso em: 24 out. 2018.
- SAMPAIO, Jorge Hamilton. Autoanálise e autogestão das comunidades: contribuição da sócio psicanálise para metodologias de extensão. In: MENEZES, Ana Luiza Teixeira; SÍVERES, Luiz (Org.). **Transcendendo fronteiras: a contribuição da extensão nas instituições comunitárias de ensino superior**. Santa Cruz do Sul-SC: Edunisc, 2011.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Universidade no Século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. 3a. Ed. São Paulo, Cortez. Coleção Questões da Nossa Época. 2011.
- SÍVERES, Luiz. Princípios estruturantes da extensão universitária. In: MENEZES, Ana Luiza Teixeira; SÍVERES, Luiz (Org.). **Transcendendo fronteiras: a contribuição da extensão nas instituições comunitárias de ensino superior**. Santa Cruz do Sul-SC: Edunisc, 2011.
- TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.
- TARDIF, M.; LESSARD, C. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Vozes, 2005.